



## UM CRIME MAIS QUE COMUM

Em um dia normal, eu iria acordar com o barulho dos passos das crianças brincando com suas pipas e seu futebol. Na noite anterior, passamos outra dificuldade na favela além das que já passamos todos os dias: uma grande tempestade infestou nossos casebres de água e buracos. Vários barracos foram invadidos por insetos de todo o tipo, e uma coisa eu garanto: é péssimo ser despertado por um. Levantei do meu colchão jogado no canto de um quarto de madeira e sem iluminação alguma. Por sorte, não pisei em nenhum dos pregos cravados nas madeiras soltas pela tempestade.

Cambaleei ainda dormindo até a cozinha, tomei meu café da manhã com receio de encontrar outro inseto em meus armários agora sem portas. Me vesti com o uniforme da empresa e saí; foi difícil descer as ladeiras da favela com lamaçais espalhados por toda ela. Nunca tomei tanta cautela para sair de casa. Sofrer uma queda na minha idade não seria nada bom para a minha saúde. O posto de combustível fica a poucos metros de casa. Chegando lá, comecei o expediente.

Trabalho há vinte anos aqui, todos me conhecem e respeitam, portanto, havia sido uma tarde tranquila, até que, no final dela, um carro preto de luxo se aproximou e parou em frente às bombas, abrindo sua janela de vidro fumê. Assim que apareceu em sua janela, o sujeito me olhou torto e com um semblante bem ofensivo, como se eu fosse uma espécie à parte, um alienígena. Ao hesitar em ser atendido por mim, através de provocações, notei pelo seu sotaque que era estrangeiro, outro atrás de um bom Carnaval no Brasil. Insisti em atendê-lo, mas sua impetuosidade tomou conta do seu corpo, me xingou de todos os nomes, rapidamente se desprende do cinto, abriu a porta com raiva, me avançou e impôs muita força no meu pescoço, me estrangulando. Minha pele foi avermelhando e minhas veias saltando, até que fui salvo pelo homem da conveniência.

Ele me deu uma carona até as escadas da favela. Enquanto subia lentamente, fui estagnado por três homens com vestes tão escuras quanto aquela noite. Meu coração parou imediatamente, não consegui pensar em nada, não esbocei expressão alguma, depois de reconhecer o homem que houvera me atacado tempo atrás. O sujeito friamente ergueu a arma para mim, apontando-a para meu peito.

O som do disparo da arma encheu meu ouvido de ruídos, minha visão embaçava, meu sangue escorria pelo uniforme enquanto meu corpo caía no chão.

O crime por preconceito acaba com várias vidas inocentes, mas leva junto de si a honra de quem o comete.

Renan Caetano Pereira  
1º ano / Itajaí  
2015